



**Centro Universitário de Brasília
Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento - ICPD**

CARMEN MARIA DE ALENCAR EULÁLIO

**PERVERSÃO:
A CONCRETUDE DO ESPÍRITO DA PÓS-MODERNIDADE**

Brasília
2013

CARMEN MARIA DE ALENCAR EULÁLIO

**PERVERSÃO:
A CONCRETUDE DO ESPÍRITO DA PÓS-MODERNIDADE**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica

Orientadora: Joselita da Conceição Rodrigues Rincon Rodvalho

Brasília
2013

CARMEN MARIA DE ALENCAR EULÁLIO

**PERVERSÃO:
A CONCRETUDE DO ESPÍRITO DA PÓS-MODERNIDADE**

Trabalho apresentado ao Centro Universitário de Brasília (UniCEUB/ICPD) como pré-requisito para a obtenção de Certificado de Conclusão de Curso de Pós-graduação *Lato Sensu* em Teoria Psicanalítica.

Orientadora: Profa. Joselita da Conceição Rodrigues Rincon Rodvalho

Brasília, ____ de _____ de 2013.

Banca Examinadora

Às quatro filhas de Nelson, pela amorosa sublimação com a qual sobrevivem.

RESUMO

O presente trabalho tem por finalidade apresentar uma análise teórica sobre perversão, está organizado em de dois eixos, as perspectivas clássica e atual. Sobre o aspecto clássico registra-se rigorosamente o conceito psicanalítico de Perversão. No aspecto da atualidade se examina, à luz da psicanálise, os mecanismos, operadores e qualificadores que evidenciam uma marca perversa na contemporaneidade. Utilizou-se como instrumento metodológico a revisão bibliográfica, centrada na literatura específica da teoria psicanalítica, com concentração na obra de Freud e Lacan. As investigações estão amparadas nas pesquisas sobre as especificidades de perversão narcísica, nomenclatura de montagem ou estrutura, e sadomasoquismo, que demonstram como o modo incisivo com o qual a perversão se instala no social já pode ser visto como um mecanismo de recusa explícito. A análise evidencia que o social da pós-modernidade demanda elucidação das causas profundas desse estágio psíquico que exhibe, onde pessoas desejam como escape a angústia respostas rápidas, nada profundas e cada vez mais coletivas, exilando qualquer manifestação de singularidade. Finalmente, além de atribuir à Perversão o valor de símbolo dessa época pós-moderna, aponta sujeitos fetichizados pela lógica do consumo, que podem exigir da psicanálise, intervenção no social.

Palavras-chave: Perversão. Perversão Narcísica. Montagem Perversa. Sadomasoquismo. Psicanálise.

ABSTRACT

This paper aims to present a theoretical analysis of Perversion, and is organized by two axes, classic and current perspectives. About the classic look registers strictly psychoanalytic concept of perversion. In terms of today examines, in the light of psychoanalysis, mechanisms, operators and qualifiers that show a perverse brand nowadays. It was used as a methodological tool a literature review, focusing on the specific literature of psychoanalytic theory, with a focus on the work of Freud and Lacan. The investigations are supported in research on the specifics of Perversion Narcissistic, naming or Mounting Structure, and Sadomasochism , which demonstrate how incisively with which Perversion settles in social, can now be seen as a mechanism for explicit refusal. The analysis shows that the social demand of postmodernity elucidation of the root causes that stage psychic who displays where people want to escape the anguish quick answers, nothing deep and increasingly collective , exiling any manifestation of uniqueness . Finally, besides assigning the value of Perversion symbol of this postmodern era, points subject fetishized by the logic of consumption, which may require psychoanalysis, social intervention.

Keywords: Perversion. Sadomasochism. Narcissistic perversion. Psychoanalysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE PERVERSÃO.....	11
2 SOBRE O CONCEITO DE PERVERSÃO.....	13
3 A PERVERSÃO NA ATUALIDADE.....	16
3.1 A violência da Perversão Narcísica.....	16
3.2 Perversão Montagem ou Estrutura.....	19
3.3 Sadomasoquismo.....	29
3.3.1 Sadomasoquismo: Opção Sexual ou Sublimação Radical.....	29
3.3.2 Sadomasoquismo na Sociedade Contemporânea:	32
Uma Erótica própria para a Lei e para Ética.....	32
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	36
REFERÊNCIAS.....	41

INTRODUÇÃO

Imergir no conceito psicanalítico de perversão na perspectiva de analisar sua presença no social da atualidade coloca o sujeito da imersão em contato com discurso de qualificação perversa na medida em que, praticamente, ele se defronta com a impossibilidade de afirmar ou desafirmar, mesmo que teoricamente uma plástica, agentes, ou uma topologia desse conceito nas ações da sociedade.

O comportamento próprio da perversão não é líquido, se por um lado é explícito, por outro, mistura-se à cultura da época. Nessa perspectiva, não seria muito afirmar que Perversão corrobora com excelência o conceito *Verleugnung* precisamente na acepção da forma reflexiva significando *mandar dizer que não se está presente*. (HANNZ,1996,p.303).

Isso diz que a perversão além da perspectiva primária de natureza humana, se apresenta como uma versão do desenvolvimento civilizatório do sujeito humano que não alcançou um nível razoável de agregação psíquica para se expressar através da neurose, como também, não se degradou ao nível da psicose, portanto, é estruturado psiquicamente com um grau inigualável de singularidade.

O véu colocado entre o perverso e a castração é mantido como possibilidade de afastá-lo da falta, mas ao mesmo tempo, para que aviste nuances de além do véu. Isso converte a perversão em um discurso real, mortificado de natureza, onde as relações discursam na forma de fetiche, e constituem uma cadeia de significantes, de significados falsos, alheios à Lei e criador de muitas versões para a Lei.

O lugar do analista nesse discurso perverso é o de ouvir um arranjo estrutural que pretende se assemelhar à sublimação concreta existente entre o sádico e o masoquista, que representa para o perverso uma formação de compromisso da qual são denegados os nomes do pai e da mãe, que o perverso passa a representar por substitutivos.

Disto, o que parece restar são apenas sujeitos narcisicamente feridos, que se julgam logrados, e para os quais a vida é uma exigência fixa de reparação e liberdade. Consequentemente, constata-se que a linguagem perversa transita na atualidade dissimulada em muitas faces.

Formular a trajetória da perversão nas relações sociais é um desafio considerável porque este conceito possui especificidades que o permite transitar entre a norma e a transgressão com liberdade. Esta característica demonstra que os limites de fronteira entre saúde e patologia são tênues e dependem de perspectivas históricas, culturais, sociais nas quais essas relações possam estar incluídas.

Através da análise dos contornos mais visíveis deseja-se evidenciar um percurso perverso na sociedade de hoje, identificar a natureza dessas relações que fragmentam a libido em muitos destinos nem sempre explícitos, mas sempre investidos de alto teor de perversão.

Ainda, pretende-se evidenciar uma plástica da perversão na atualidade, identificando sua representação, incidência, e em que tipo de relação predomina, para que seja possível justificar sua presença mássica e concreta neste momento histórico.

Esse trabalho deseja formular estudo teórico sobre o conceito psicanalítico da Perversão, pressupondo uma incidência massiva desta estrutura na atualidade a ponto de permitir afirmar que a Perversão se transformou no símbolo desta sociedade chamada pós-moderna. Na forma geral, deseja-se descrever os tipos de perversão atuantes na sociedade de hoje, e a partir disto delinear um semblante. Especificamente, deseja-se demonstrar a forte incidência da perversão nas relações sociais, apontar os atores mais comprometidos nesse traço, e pressupor como possibilidade de remissão desse estágio psíquico da sociedade de hoje, a intervenção da psicanálise no social.

A metodologia está centrada nos textos específicos de Freud, escritos entre 1905 e 1940. Está apoiada nas demais publicações sobre o tema, listadas em Referências. Toda a articulação faz correlação entre perversão e os principais conceitos da psicanálise, destacando-se repetição, fantasia, narcisismo e sublimação, de forma que todo o trabalho esteja contido na teoria psicanalítica.

Este trabalho se apresenta através do desenvolvimento de três capítulos:

O primeiro capítulo assenta a justificativa do trabalho através do título, Considerações iniciais sobre perversão.

O segundo capítulo traz estudo aprofundado sobre o conceito de perversão na perspectiva clássica. Aborda a etiologia do termo, a historicidade que a transfere de significados como censura, desordem orgânica e anormal representada por uma forma de degeneração do sistema nervoso, para o significado estabelecido por Freud quando se apropriou do termo para teorizar a sexualidade humana através de aspectos diferenciados da procriação.

O terceiro capítulo aborda a perversão sob a ótica da atualidade com o propósito de identificar a forma como se inscreve e como é vivenciada através de paradigmas preciosamente estranhos. Esses indicadores são apresentados através da pesquisa de diferentes tipos de perversão manifestados no social deste tempo presente.

Essa abordagem toma dois caminhos, no aspecto geral o foco é a estranheza das vivências perversas, no aspecto particularizado analisa as especificidades de Perversão Narcísica; Montagem ou Estrutura; e Sadomasoquismo.

Sobre perversão narcísica aborda-se a forma como se instala nas relações sociais, notadamente no âmbito do trabalho e da família. Além disso, examina-se a premissa de que esta tipificação vem sendo vista como uma forma nova de sadomasoquismo que grassa silenciosamente na sociedade e impõe sadismo ao outro.

Montagem ou estrutura traz as questões atuais sobre o próprio termo, que vêm demandando reflexões no sentido de ser formulado um entendimento da nomenclatura quanto a Perversão ser uma estrutura psíquica ou uma montagem, possível a qualquer das estruturas.

O sadomasoquismo registra dois aspectos: O Sadomasoquismo que aponta para fora do sexual, e outra especificidade que ainda não deixou muito claro seus propósitos, porque se manifesta de forma oscilante, ora pretende lugar e licença na sociedade, ora se torna obscura.

O sujeito que se desvincula do sexual pretende através de suas práticas uma condição psíquica de existência que possa substituir sua condição original, provavelmente patológica. O que se observa é que esse sujeito exhibe uma fantasia de funcionamento semelhante a uma reestruturação psíquica para demonstrar sua veementemente recusa à condição de psicótico ou autista. Esse sujeito afirma sua condição como opção de gênero, e não a considera patológica. Sua fixação é para além do sexual, algo que beira à divinização, como se pudesse se colocar acima da divisão natural de gênero, ou mesmo de qualquer orientação sexual; fantasiando um fantasma de Deus, onipresente, oniciente, onipotente, pretendendo bastar-se a si mesmo. No entanto, na maioria dos casos parece vitimado pelo abandono na medida em que não reconhece nenhuma função estruturante.

O outro tipo é o sadomasoquismo e fetichismo eróticos, mostra um sujeito que pretende integrar definitivamente o largo social da atualidade parecendo propor ética e lei próprias, como se pretendesse deslocar e condensar os pressupostos sociais para situá-los a inteira disposição de seu desejo.

A conclusão apresenta as considerações finais diretamente referidas aos mecanismos que operam os tipos de perversão explorados e presentes concretamente na pós-modernidade. Ainda, assenta a conclusão final do trabalho.

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS SOBRE PERVERSÃO

A perversão está presente em todo o discurso contemporâneo porque marca as relações da atualidade concretamente. A psicanálise vem concentrando estudos nesse campo, inclusive quanto a nuances que o termo pode assumir, haja vistas as discussões referidas à nomenclatura, entre estrutura e montagem.

Perversão, no singular é concernente à psicanálise, e por isso, é esta ciência que pode voltar um olhar para o social desse momento histórico na perspectiva de provocar iniciativas que possam alcançar envergadura de políticas públicas.

Na arte de ser humano, a única sublimação que vale a pena falar é aquela que se aproxima do sublime moral. O resto é mera sensação. As coisas em que não conseguimos pensar – genocídio, maternidade, amizade – diminuem a nossa humanidade. Cabe bem lembrar o poema de Primo Levi *If This Is a Man* [Se Isto É um Homem] traz uma maldição condicional para o leitor insensível: “Que teus filhos viam o rosto a ti”. Neste exato momento, uma criança está caindo no campo de centeio. Quem vai apanhá-la? Se você tentar, fará parte da elite sublimadora – não se afogando, mas salvando. (SINGH, 2005, p.72)

Perversão como gramática da vida atual vem funcionando como a repetição de uma marca não narcísica, mas social, como se houvesse uma reestruturação, fomentada em um segundo *nascimento*, representado pela inserção de sujeitos na massificação abrangente dos grandes centros urbanos.

Ao que parece, esses sistemas diluem as estruturas originais das pessoas, recobrando-as com um só tecido que as iguala através dos qualificadores próprios de cada sistematização. Parece que o que ocorre é que a partir disso ocorra um esvaziamento da função materna constituinte, sendo este sujeito praticamente submetido a uma espécie de estrutura bipolar, ora vivenciando sua fantasia de origem, ora vivenciando a fantasia imposta pelo novo social.

De certa forma, isso corrobora a ideia de uma montagem perversa, mas que não precisa ser acedida à estrutura psíquica, pois, parece mais se mostrar como um novo mecanismo de defesa contra uma espécie de psicose sistêmica do social extra familiar, que pode ser representada pela preocupação excessiva com a autonomia e a individualidade patologicamente endêmica na cultura ocidental, como coloca Kohut (HOLMES, 2005).

Em busca de vínculos, essas pessoas se submetem à segregação, à discriminação, e até ao adoecimento, pretendendo se defender de uma realidade hostil que lhes oferece nichos comerciais (guetos) como única opção de acolhimento.

O perverso, então, seria aquele que se empenha em destruir a lei, para depois reconhecer dolorosamente que ela é permanente? Poderíamos pensar que o perverso

seria alguém empenhado em distorcer, mesclar, triturar, liquefazer, metamorfosear, de tal maneira a origem das coisas, que, ao final desse processo caótico, nada mais pudesse ser distinguido?[...] Seria, então, o perverso uma espécie de feiticeiro da realidade? Realidade que ele não tolera e, por carregar consigo o germe da onipotência infantil, tenta alterá-la construindo um mundo indiferenciado, onde ele e a mãe são unos, todos os poderes emanam dele e a realidade é aquilo que ele fabrica?[...] Pois bem, não é qualquer realidade que o perverso não tolera, ele distorce tudo aquilo que pode confrontá-lo com a castração, por causa da própria angústia de castração. (MURIBECA, 2013)

Ao mesmo tempo, nesse lugar de acolhimento, não é raro incidência de comportamentos de adição, prostituição, crime e suicídio, principalmente entre jovens. Um claro exemplo é o comércio de festas temáticas, que amontoam pessoas em território propriamente licenciado para adição, orgia sexual, e prepotência patológica, esta última, acintosamente representada pela exibição de armas.

Algumas dessas pessoas percebem seus desejos atendidos por condições fixas, como se fossem interdidas por um novo véu, no entanto, descobrem que esse segundo véu nubla sua estrutura original e se sobrepõe ao véu que lhe foi legado estruturalmente.

Isso descreve um fantasma forçado a funcionar como que um palhaço, que afunda sua paixão nas *luzes da ribalta*, restando pouco de si para repetir seu narcisismo primário. Disso, se pode dizer que esse perverso se expressa através de um fantasma que edita uma sublimação pervertida.

No fantasma perverso existem dois lugares frente ao Outro que demanda: o de um objeto que se tornou um instrumento ao apropriar-se do lugar do pai e o lugar de saber, saber sobre o domínio do gozo do Outro suposto ao pai. Isso permite “estar-se ao menos dois no mesmo fantasma. (PIRES, 2013)

Então, se poderia dizer que a função materna, hoje, pode até ser suficiente, mas a despeito disto, não pôde transcrever, traduzir, transliterar o poder. O mesmo antigo poder que a partir do Iluminismo esvaneceu a neurose, principalmente em sua forma de histeria, e transformou o Século XXI em campo de centeio para a psicose, o autismo, e a perversão, e nesse campo foi a elite quem colheu os perversos mais legítimos, e construiu império.

Finalizando, não seria muito dizer que a novíssima questão que está se apresentando nesta pós-modernidade é a mesma de todos os tempos, ou seja, mais um novíssimo império se impõe, abusa do poder e demanda interdição. As palavras de Lacan corroboram sobre maneira essa circularidade: “[...] *Vocês colocam uma máscara, retiram-na e a criança dá risadas – mas, se sob a máscara aparece uma outra máscara, ela não ri mais, e até se mostra particularmente ansiosa.*” (LACAN,L5,p.343)

2 SOBRE O CONCEITO DE PERVERSÃO

A palavra “perversão” deriva do latim “pervertere” e quer dizer pôr às avessas, desviar, nesta acepção tornar-se perverso significa desmoralizar, corromper, depravar, isto é o mesmo que dizer que designa o ato de o sujeito perturbar a ordem ou o estado natural das coisas.

O conceito de perversão não é simples, o significado de perversão está sempre subordinado à cultura da época em que ocorre, mesmo assim, se pode afirmar que a perversão é um fenômeno sexual, político, social, físico, trans-histórico, estrutural, presente em todas as sociedades humanas. (ROUDINESCO, 1998)

Com base na historicidade, a perversão, inicialmente pertence à Medicina, que trouxe uma visão patológica que a caracterizava como “desvio”. Freud em *Uma Teoria Sexual* (1905) traz uma inovação sobre a criança enquanto sujeito sexual, classificando-a como possuidora de uma sexualidade perverso-polimorfa, afirmando que a criança pode ter várias finalidades para atingir seu objetivo de satisfação, e que isso pode permanecer no adulto.

Antes de Freud estudar esse conceito a palavra perversão era tida como algo pejorativo, doença, censura, como algo de desordem orgânica e anormal. A medicina da época tratou a perversão como uma forma de degeneração do sistema nervoso. Nessa época a sexualidade era vista somente como modo de reprodução, portanto, toda manifestação sexual que não tivesse o objetivo de reprodução, era vista como patológica, pois, colocaria em risco a procriação e a preservação da espécie.

Em psicanálise o termo perversão tornou-se um conceito quando Freud o colocou ao lado da Psicose e da Neurose. Desse modo, a Perversão encontra-se em um amplo campo de estudo, tendo em vista que engloba comportamento, práticas e fantasias correlacionados à norma social. A partir de Freud a perversão adquire um significado diferente, passa a ser elemento integrante da sexualidade.

No entanto, a Perversão infantil não deve ser confundida com a Perversão do adulto, esmo que uma seja o ponto de partida para o entendimento da outra, cada uma possui sua própria especificidade. Nessa linha de pensamento, a Perversão situa-se como algo inerente à condição humana, deixa de ser vista como algo patológico. Sobretudo, o que dá o caráter de patologia à Perversão é a fixação objetal.

O construto da perversão percorre um caminho complexo, passa por várias etapas e desse modo sempre é objeto de pré-conceitos sob juízo de valor de ideais da ética ou da moral. A despeito de tudo, surge uma teoria da Perversão sistematizada no estudo de um conjunto de comportamentos psicosssexuais que visam o prazer de modo contínuo, mas, seus protagonistas apresentam uma especificidade, uma espécie de

identidade psíquica: conhecem a verdade ao mesmo tempo a negam, e dessa forma operam o mecanismo de substituir a verdade por seu próprio desejo.

A Perversão em si distingue-se da Neurose e da Psicose de acordo com sua organização e seu funcionamento. Analisando as especificidades das estruturas perversa e neurótica, Freud afirmou que a Perversão seria exatamente o negativo da Neurose, esclarecendo que o neurótico é marcado vigorosamente pelo recalque, enquanto o perverso é marcado vigorosamente pela ausência de recalque.

... se considera coincidente a sexualidade, da qual derivo os sintomas psiconeuróticos, com o instinto sexual normal. [...] os sintomas nunca se originam (pelo menos, exclusiva e predominantemente) à custa do instinto sexual denominado normal, mas representam a exteriorização daqueles instintos que se considerariam como perversos [...] os sintomas originam-se, portanto, em parte, à custa da sexualidade anormal. [...] o extinto sexual dos psiconeuróticos mostra todas as aberrações que estudamos como desvios da vida sexual normal e manifestações da vida sexual patológica. (FREUD, 1905, L.5.1953. p.307).

A noção de estrutura para perversão se enuncia a partir dos estudos sobre a sexualidade quando Freud institui uma distinção entre as inversões e as perversões propriamente ditas. Esta diferença tem seu fundamento na plasticidade do mecanismo pulsional e em sua aptidão a se prestar a “desvios” em relação ao fim e ao objeto das pulsões. As inversões corresponderiam a desvios concernindo ao objeto da pulsão, enquanto que as perversões remeteriam a um desvio quanto ao fim. (DOR, 1991).

Do ponto de vista freudiano, a estrutura perversa parece, então, encontrar sua origem em torno de dois polos: de um lado, na angústia da castração; de outro, na mobilização de processos defensivos destinados a contorná-la. A este título, ele evidencia dois processos defensivos característicos da organização do funcionamento perverso: a fixação (e a regressão) e a denegação da realidade. (DOR, 1991) .

O perverso tem uma vivência da ordem do horror no confronto com a diferença dos sexos, e nisto se confirma que ele está condenado a perder o objeto do desejo [a mãe] assim como o seu pênis. No perverso o desejo aparece pela via da atuação, ou, dito de outro modo, o perverso age, ele encena o desejo.

Os estudos sobre perversão na visão da Psicanálise podem ser divididos em três momentos: o primeiro momento se relaciona com a publicação de *a neurose é o negativo da perversão* em *Uma Teoria Sexual*; o segundo momento se refere à teoria do Complexo de Édipo, que caracteriza o núcleo das neuroses e das perversões; no terceiro momento Freud define a recusa da castração como mecanismo essencial da perversão.

Inicialmente, em Freud, a expressão perversão sexual designava a qualidade aberrante da própria sexualidade, o que, em algum nível, encontrava-se em consonância com a visão médica vigente. No entanto, a escuta do sintoma perverso, foi aos poucos modificando esse entendimento até chegar à noção de perversão como condição básica da sexualidade.

Ainda, na teoria da sexualidade, Freud trata da Perversão como conduta sexual que não visa a genitalidade. Assim, toda criança, ao autosatisfazer-se sexualmente, poderia ser considerada perversa, e dessa forma, o conceito de recusa aparece como um mecanismo normal da construção da sexualidade. Posteriormente, esse entendimento é superado, pois a castração aceita, os desejos incestuosos juntamente com os desejos de completude sucumbem ao recalque na normalidade, e isso é que difere Neurose, Psicose e Perversão. (PFITSCHER; BRAGA, apud PIRES,2011)

O sujeito de estrutura perversa satisfaz sua libido consigo mesmo, no caráter narcísico. A satisfação dá-se por meio de fixação numa pulsão parcial que escapou ao recalque tornando-se uma fixação exclusiva. A recusa da criança, em aceitar a mãe com sua falta fálica, ocasiona a recusa da percepção da castração, que retorna à ideia da figura da mulher com o pênis, origem da fantasia da mulher fálica. O que ocorre na estrutura perversa é a inversão edipiana, ao não reconhecer às leis paternas, conseqüentemente o sujeito não reconhece às leis e normas sociais.

O conceito de perversão esteve imbuído de preconceitos, estigmas e ideias moralistas ao longo do tempo. Com o advento da psicanálise, esse termo ganhou um novo redirecionamento, se caracterizando como um conjunto de comportamentos que buscam o prazer de modo continuado. A psicanálise trouxe o entendimento de que o nosso objeto de interesse pode variar ao longo da vida, caracterizando uma perversão ou não.

3 PERVERSÃO NA ATUALIDADE

3.1 A Violência da Perversão Narcísica, Um rastro silencioso que silencia.

. Essa especificidade perversa sempre foi silenciosa e silenciada porque ela parte de um par que não é perfeito como é o par sado-masoquista. É própria do narciso fluente que exerce seu poder sobre o outro sem o objetivo do gozo, mas pela exigência de defesa estrutural, por isso é silenciosa, apenas o narcísico opera. O parceiro é alienado de sua própria condição de vítima, sua única saída é submeter-se ao sofrimento do qual não conhece a fonte claramente, suspeita sempre de ser ele próprio o agente da angústia, por isso, é silenciada

A perversão narcísica, este tema com contornos imprecisos, suscitou poucas reações na literatura [psicanalítica], e isto malgrado o interesse crescente pelas relações intra-familiares, [...] pela sedimentação dos conhecimentos sobre o narcisismo com todos os seus desenvolvimentos, pelo estudo já antigo da personalidade autoritária e do poder. Um estranho pudor parece ter se instalado nos espíritos mais críticos e os impediu de tentar penetrar nos segredos da relação entre dois indivíduos caracterizada pela dominação de um sobre o outro; surpreendente omissão, e tanto mais pelo fato de que o narcisismo foi considerado por Freud, na origem, como uma perversão. (MARTINS, 2013)

Existem ambientes de domínio da Perversão Narcísica diferenciados das relações intrafamiliares, exemplo claro e até comum, são padrões que forçam relações de trabalho com agregados, fazendo com que estes subalternos trabalhem além do contrato. Muitas vezes chegam a exigir relações sexuais, de consenso ou não, com cônjuges ou membro da prole desses empregados. A concretização desses desmandos se realizam pelo medo das ameaças contra a manutenção do emprego.

No entanto são as relações intrafamiliares julgadas de maior importância para o desenvolvimento desse trabalho. São destacadas as relações conjugais baseadas em vias de mão única de poder, nas quais o homem age como se patrão fosse, e submete a mulher aos caprichos de seu narcisismo perverso através de ameaça tácita quanto ao abandono, ou da manutenção social e afetiva da família, incluindo nisto os proventos satisfatórios para o próprio cônjuge e para sua prole.

Esses fatos graves não têm escapado apenas da avaliação só dos psicanalistas, mas de médicos e terapeutas também, que estão sempre inclinados a reconhecer um consenso nestes tipos de relação, sem deparar-se com profundidade diante da absoluta

vitimização do suposto parceiro. Na melhor das hipóteses, tais casos são apontados como uma relação sadomasoquista amparada em consenso, e isto exclui vitimização.

A despeito da gravidade das relações narcísicas no âmbito do trabalho, as ocorridas nas relações íntimas e familiares adquirem caráter mais denso porque são simbolicamente emolduradas por qualificadores como confiança, amor, respeito, liberdade. Impõem à vítima situação de alto teor de perversidade, pois, para se salvar, ela tem que julgar qual é o maior valor, se seu sofrimento pessoal ou a estabilidade da família.

A metapsicologia desta Perversão a qualifica como narcísica porque se trata de um narcisismo intersubjeivo: enquanto o narcisismo refere-se a um ato autodefensivo, a Perversão Narcísica se refere a uma falha narcísica inicial a partir da qual o sujeito, ao invés de voltar-se para si, busca no poder exercido sobre o outro uma forma de sustentação e preenchimento de seu próprio narcisismo. (MARTINS, 2013)

Esses quadros assumem nítidos contornos do sadomasoquismo, no entanto é um falso sadomasoquismo, pois embora haja sadismo da parte dos agressores, a vítima não se compraz em sofrer, e normalmente passa a agredir terceiros como forma de silenciar para si mesma as agressões toleradas. O que é fato é que a vítima, em princípio, não tem necessidade psíquica de sofrer, mas acredita que é forte para entender o agressor, repará-lo psicologicamente, e só então parar de sofrer.

Nesse ponto pode ser detectado algum grau de masoquismo presente na vítima, mas, se apontado, sua origem não seria exatamente de um prazer em sofrer, mas uma percepção confusa da vítima quanto ao seu próprio sofrimento, que parece neste caso, ser visto como um desafio a ser aceito e superado, como se a vítima esperasse enobrecimento narcísico através do sacrifício. (MARTINS, 2013)

O jogo em questão é o agressor fazendo a vítima crer que a ama, e a vítima querendo encontrar essa mentira como verdade, suporta tudo em busca desse amor, inclusive por medo do fim de sua existência heroica. O que se observa com clareza é que a submissão é preferível ao abandono.

“Qualquer dor causada por experiências infelizes, seja de qualquer natureza, tem algo em comum com o luto. Ele ativa a posição depressiva do bebe, o confronto e a superação de adversidades de qualquer tipo exige um trabalho mental parecido com o luto” (SINGH,2005, p.42)

Quanto ao perverso narcísico, seu designo parece ser encontrar com uma espécie de melancolia que não se extingue, mas recobre toda a sua existência com a sombra concreta de uma falta irreparável, e isso justifica toda a indiferença que ele dispensada ao outro. No entanto, não se pode deixar de observar que mesmo essa perversidade, ainda é uma luta contra a psicose.

Para além dessas relações o narcísico ainda pode atuar de forma mais insidiosa e íntima, exatamente quando suas relações são incestuosas, representadas nas relações de pedofilia quando o agressor é o pai. Esta Perversão se torna abominável na medida em que o abusador além de corromper a criança antecipando vivências sexuais eróticas, lhe impõe silêncio impingido com grande terror.

Esse terrorismo é concretizado através de ameaças que são centradas no fato de que, se a criança falar sobre o segredo que lhe é afirmado, sua mãe, irmãos, avós serão mortos com crueldade, ou, que a criança será responsável pelo suicídio da mãe.

Este narcísico parece ser o mais comprometido entre todos, pois faz de parceira uma vítima que está subordinada afetiva e civilmente a ele, e que além de todos esses poderes já exercidos sobre a criança, ainda, conta com os afetos estruturantes da vida de uma pessoa, que são os laços parentais, nos quais as fronteiras de prazer e dor geralmente são muito enlaçadas por sentimentos como o amor, a proteção intrafamiliar, e a defesa contra o exterior.

É claro que a pedofilia também é criminosa quando exercida fora da família, e as crianças vitimadas estão submetidas ao mesmo terror traduzido nas ameaças voltadas contra suas famílias, mas como toda perversão narcísica, esta também é silenciosa e silenciada.

3.2 Perversão – Montagem ou Estrutura

A abordagem da Perversão na perspectiva que propõe um conceito de montagem, não é uma tarefa fácil. A teoria psicanalítica determina Perversão como uma estrutura psíquica, a partir do mecanismo da recusa, *Verleugnung* (HANNZ,1996). As discussões que avistam a Perversão como uma montagem significando que sujeitos de qualquer das estruturas se utilizem do mecanismo da *Verleugnung* não é exata porque em Psicanálise a determinação classificatória da estrutura não se justifica pela pureza de sua incidência, mas pela dominância que caracteriza a atitude do sujeito frente à castração.

Pensar a Perversão como uma montagem é algo exponencialmente complexo, pois para que isso ocorra, é preciso reduzir as estruturas em apenas uma, possivelmente à neurótica, já que a psicose se aproxima em muito da perversão por conta de que seu ego também é cindido, representado pelo mecanismo da florclusão, *Verwerfung* (HANNZ,1996), e também se expressa intrinsecamente em confronto com a lei.

Nos neuróticos a Perversão se inscreve no inconsciente, e se se pronuncia, é vestida de amor à lei, ao pai, em fim de conta, uma montagem clara, mas vivenciada por um neurótico estruturado neurótico.

Perversão na perspectiva de montagem é uma ideia complexa dentro do estabelecido teoricamente, pois, a montagem ocorreria na forma de sobreposição estrutural. Assim, estariam sobreposicionados o conflito primário do neurótico entre Ego e Id, caracterizado pelo mecanismo do recalque, *Verdrängung* (HANNZ,1996), mais o conflito egóico do perverso, representado pela recusa, *Verleugnung* (HANNZ,1996) .

Na possibilidade dessa ocorrência nem a neurose nem a perversão atenderiam mais suas características classificatórias, e demandaria classificação estrutural.

Mesmo que ocorra a montagem perversa de dois sujeitos, juntos no mesmo fantasma, numa tentativa de chegar a uma modalidade de gozo (CALLIGARIS/AULAGNIER,apud,PIRES,2011), inscreve-se a questão extrínseca da estrutura desse fantasma, posto que a fantasia original é justamente a versão estrutural do sujeito.

Dadas essas considerações, passa-se ao estudo sobre a Perversão referida à discussão conceitual de montagem ou estrutura. Além da revisão bibliográfica do conceito de Perversão contido na Psicanálise [já ensinado neste trabalho], a título de clareza, os conceitos de montagem e estrutura estão incluídos. Visando melhor

organização, apresenta-se este tópico em partes: Estrutura Perversa, Montagem Perversa, e Conclusão.

Da Estrutura Perversa:

Na letra freudiana, o termo Perversão tem utilização específica nos textos entre 1905 e 1940, relacionamos a seguir, no modo colocado por Adreas Pires, 2011:

1905 – “Uma Teoria Sexual”: significando aberração, na teorização das inversões sexuais.

1917 – “Conferências XXI” : O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais.

1919 – “Surram uma Criança” : contribuição ao conhecimento da gênese das perversões sexuais”.

1923 – “A organização genital infantil”: uma interpolação na teoria da sexualidade .

1924 – “A dissolução do Complexo de Édipo”.

1927 – “Fetichismo” no qual a recusa, Verleugnung, frente a castração se materializa.

1940 – “A divisão do ego no processo de defesa”.

O conceito de estrutura está dicionarizado como “disposição do agrupamento, padrão ou articulação de partes de um caráter permanente, de modo a formar um sistema ou um todo relativamente estável”. (FEREIRA,1999, p.589)

Na teoria psicanalítica, o conceito de estrutura é utilizado a partir do Complexo de Édipo, seus elementos e mecanismos: a castração, sua respectiva angústia e as identificações ao significante fálico.

Na obra de Freud, qualquer que seja seu fragmento, encontra-se uma dinâmica estrutural relacionada à metapsicologia em suas dimensões tópica, dinâmica e econômica: uma estruturação psíquica fundamental a partir da qual efeitos de regulação interna vão indicar “perfis estruturais diversos. A estruturação de uma organização psíquica atualiza-se sob a égide dos amores edipianos, no desenvolvimento da relação mantida pelo sujeito na função fálica. (DOR,1991)

A noção de estrutura da perversão em Freud está a partir das *zonas erógenas* em relação aos movimentos de *fixação* e *regressão* na qual relaciona a cronologia com o desenvolvimento psicosssexual e estabelece as fases pré-genitais: oral e anal e a fase

genital fálica. A fase genital fálica é caracterizada pelo desejo do falo, que perdura até a puberdade [último estágio do desenvolvimento psicosexual], de fato a etapa genital propriamente dita.

agora atendemos preferentemente aos fatos, que nos mostram quanto de cada fase anterior perdura ao lado e atrás das estruturas posteriores e consegue uma representação permanente na economia da libido e no caráter da pessoa. (FREUD,1953.Conf.XXXII.v-10.p.104)

Através da releitura de Freud, Lacan retira a ideia de haver qualquer relação entre cronologia do desenvolvimento e desejo, afirmando ser impossível o sujeito dividido deter a cadeia de significantes na qual está inserido para sempre em qualquer momento de sua vida. Isso quer dizer que o sujeito exerce a repetição de seu desejo original durante toda a sua existência em um processo que independe da maturação. (LACAN,1995)

Dessa forma, Lacan demonstrou que no discurso de Freud já estavam ideias de estruturas subjacentes às referências biológicas de etapas (cronologia), afirmando que lá, já se encontravam as estruturas organizadas a partir da relação com o outro parental (ou substitutos). (CIRINO,2001,apud PIRES2011,)

o que marca o ritmo do desenvolvimento é o desejo do Outro que opera sobre a criança através de seu discurso, marcas simbólicas que o afetam. Portanto, o maturativo se mantém simplesmente como limite, mas não como causa. (Jerusalinsk,1999,apud PIRES,2011)

Ainda, Lacan estabelece a questão do simbólico que se insere no sujeito através da linguagem. Afirma que a criança tem uma apreensão do *simbólico da linguagem* muito antes de poder falar, e é isso que possibilita sua entrada no universo dos significantes. Em relação aos processos de maturação explica que para o sujeito humano o que ocorre é que há inclusão de alguém que subjetive e ordene suas experiências para possibilitar muitas significações para uma experiência.

“O mais importante não é a sucessão dos acontecimentos, mas a evidência do funcionamento do *après-coup* (só depois) não como fatos reais, cronologicamente anteriores à fase genital, mas como formas de demandas resituadas a partir do complexo de castração.” (PIRES, 2011)

O complexo de castração é responsável pela organização sexual na criança e objetivamente resulta da percepção da diferença entre os sexos, subjetivamente o que está em jogo é a noção de falo e a proibição do incesto. Freud organiza esse evento psíquico através da identificação, nos movimentos distintos na menina e no menino.

Nesse processo mistura-se objetivo e subjetivo, o menino reconhece o falo na própria anatomia e identifica-se com o pai que é igual, a menina se afasta da mãe e passa a desejar o pai.

Lacan vai situar esses eventos nos tempos lógicos. No primeiro tempo referido à *dialética do desejo* diz da fantasia da criança de ser o desejo único da mãe, isso corresponde a ser o próprio falo, e toda sua relação com o outro é com a mãe, nesse momento a criança vivencia insegurança quanto a não ser o falo da mãe. (DOR,1991).

O segundo tempo é referido à *dialética do ser*, a criança é confrontada com a presença do pai que aparece na relação simbiótica entre ela e a mãe. A criança percebe que não é o falo da mãe, ao mesmo tempo percebe que a mãe sabe onde está o falo, e começa a desejá-lo. Nesse momento, se a mãe reconhece o pai, leva a criança a conhecer o estatuto do pai simbólico, permitindo que ela saiba que é lá que o falo está.

Do que se trata é da representação simbólica do pai que leva a criança à dúvida da existência verdadeira do falo, a mãe tem que intermediar essa tensão, pois, é da *qualidade* da transferência materna que depende a confirmação da Lei para a criança. Se nesse momento a função materna é ambígua, ou a criança está por conta própria para se defender, podem ocorrer identificações perversas em suas defesas contra a castração.

No terceiro tempo, referido à *dialética do ter* a criança sabe que o pai tem o falo, com quem o menino logo se identifica ao mesmo tempo em que renuncia ser o falo da mãe, a menina adentra o feminino inscrito na forma de ter o falo mesmo na sua condição anatômica, ao mesmo tempo se identifica com a mãe porque esta tem o pai que tem o falo.

O que estrutura o sujeito é o fato da criança aceder ao falo, o modo como essa ascensão é feita depende da transferência materna em relação ao subjetivo no qual a criança está inserida, pois, isso determina sua posição frente à castração. Esse evento é traduzido como *metáfora paterna* e é o que tipifica a organização do sujeito, e por fim, o insere nas estruturas psíquicas.

Se o sujeito não se dá conta da castração, isso implica que o pai está excluído, sua organização será psicótica, caracterizada pela forclusão, *Verwerfung*. Se o sujeito reconhece a lei, e a falta intrínseca ao humano, sua organização será neurótica, caracterizada pelo recalçamento, *Verdrängung*. Se o sujeito sabe da lei, mas não a reconhece se recusando ao reconhecimento do feminino, sua organização será perversa, caracterizada pela recusa, *Verleugnung*. Esse é o mecanismo que sustenta a estrutura perversa, e em alguns casos esse sujeito elege um substitutivo (fetiche) que confirma e desconfirma a castração feminina.

A recusa, segundo Bleichmar, é o rechaço de uma perversão e a crença de uma existência. O perverso renega o fato e crê que, contudo, vê um pênis. O conteúdo recusado não ocorre no ato perceptivo dito e sim na manipulação do vestígio mnêmico, produto da percepção, assinalando que se trata de uma crença e não de uma alucinação. A presença de uma crença implica a recusa de outra, é uma substituição. Ao fazer uso da recusa como o mecanismo básico de sua estrutura, fecha-se para o perverso a entrada definitiva na castração simbólica bem como o funcionamento do Nome do Pai. A recusa incide sobre a castração da mãe e conseqüentemente seu desejo pelo pai. Desta forma a diferença dos sexos, mesmo reconhecida, é recusada. Por outro lado, o perverso ao ter

seu jogo interdito pela figura do pai, reage com o desafio e a transgressão, traços característicos da perversão; é a castração representada por essa interdição paterna que será desafiada e, se possível, transgredida pelo perverso. No entanto é relevante apontar que para transgredir é necessário conhecer, o que nos leva a concluir que, nesse caso, o Édipo ficou sem efeito e a metáfora paterna funcionou parcialmente substituindo a falta de pênis: ele ao mesmo tempo esconde e designa essa falta existente. (PIRES, 2011)

Para um bebê, acolhido na completude da simbiose depois do trauma do nascimento, a diferenciação sexual é extremamente significativa. Se deixado por conta própria nesse momento, praticamente, retorna ao não-senso do nascimento, e é lançado na realidade do real que Lacan diz insuportável. Se isso ocorre, a criança perde a segurança da castração, que é o que faz sua inserção na lei que ordenará suas vivências porvir.

Um circunstancial com esses contornos expõe funções materna e paterna insuficientes, permitindo a criança vivenciar a repetição do arranjo materno sem interdição verdadeira. Assim, o bebê tem de haver-se com um pai que não foi capaz de proteger a mãe para que esta pudesse integrar seu bebê à realidade para além dela mesma, e com uma mãe que não pode integrar o pai para além do que ele representa para ela.

Dessa forma, o simbólico está perdido, e o que resta a essa criança, efetivamente, é uma mãe que não reconhece o pai, e um pai que não pôde sustentar a lei, para que esta pudesse ser transmitida na sucessão.

Desconfiado, por assim dizer, o bebê é impulsionado à luta transgressora contra a lei paterna a qual não pode mais desconhecer pois já conheceu os dois gêneros, o com o pênis e o sem o pênis. No entanto, sem as funções parentais suficientes, para o bebê, nesse momento, ambos os sexos representam possibilidade de ser.

Acossado pela ambiguidade materna, a criança se entrega à busca do falo. É nesse percurso que podem aparecer substituições (fetiches) que possam representar esse desejo, que é falo enunciado na escolha que o sujeito fez pelo feminino, mas que ele mesmo recusa e aceita concomitantemente. A única saída para esse sujeito é encontrar o falo que ele sabe existir, mais não sabe onde encontrar.

verleugnen, nos sentidos 1, 2 e 3, é uma contestação que permanece colocada em xeque, não tem resolução definitiva, tem de ser sempre renovada pelo sujeito, pois não elimina o material rejeitado, cuja presença o sujeito tenta negar. (HANNZ,1996, p.304).

A escolha do perverso pelo feminino diante da diferenciação representa que ele tem esperança de que o Outro parental *esconde* o falo que ele supõe lhe tenha sido negado, quicá subtraído pela lei paterna.

É isso que o impulsiona à transgressão, e às substituições que se manifestam como parcialismo (DSM-IV,2008), e serve para ocupar o lugar do falo que o perverso

ainda pensa encontrar. Não seria muito dizer, que o perverso se relaciona com o fetiche como um poeta se relaciona com a poesia, querendo metaforizar a presença representada pelo objeto *a*, perdido para sempre, para todos.

No desafio à lei do pai e na tentativa de impor sua própria lei, o olhar da mãe apresenta-se como um cúmplice necessário, um olhar seduzido e sedutor que mantém a criança na posição fálica. Para Jean Clavreul, a mãe é espectadora da criança no momento histórico e decisivo da descoberta sobre a ausência do pênis da mãe. Seu olhar se deixará seduzir pelos encantos e dons da criança fingindo ignorar o que se passa ao nível da sexualidade de seu filho. Se a mãe falha nesse papel aparecerá uma senhora que emprestará a criança o mesmo apoio. (PIRES, 2011) .

A perversão precisa de público para suas versões, como se o sujeito perverso desejasse anunciar o logro que supõe ter sofrido, ao mesmo tempo que nutre a expectativa de encontrar alguém que possa lhe mostrar o caminho do supremo bem, quero dizer, do conforto das certezas fundadas na lei e na cultura das quais é egresso.

O conceito de estrutura diz de um sistema de relações cujos elementos são unidades diacríticas, isto é, negativas, relativas, opositivas. As partes se inserem na totalidade de acordo com critérios de ordem e valor definidos pela lei que fundamenta o conjunto: cada elemento depende dos outros e só pode ser o que é na e pela sua relação com eles (CIRINO,2001)

Finalmente, e ainda considerando a citação de Oscar Cirino sobre o Conceito de Estrutura, o que se pode dizer é que qualquer semelhança com os elementos constituintes da estrutura perversa não é coincidência, mas incidência.

Da Montagem Perversa:

O conceito de montagem está dicionarizado como “operação de reunir as peças de um dispositivo, um mecanismo, ou qualquer objeto complexo, de modo que possa funcionar ou preencher o fim a que se destina”. (FERREIRA,1999. p.589)

A perspectiva de ser a estrutura perversa uma montagem que sujeitos de qualquer estruturação se utilizem para livrarem-se da angústia soa como um jogo da atualidade, desses sujeitos da pós-modernidade que a cada dia querem aumentar o quantitativo de prazer que podem experimentar.

Vive-se um momento histórico em que a sexualidade está em evidência e é foco de cursos, palestras, artigos em revistas. Todos ensinam como extrair a maior quantidade de gozo sexual possível nas relações íntimas entre os parceiros. Para tal, saem de cena a moralidade e pudicícia vitorianas dando lugar à exploração das zonas erógenas, de tal maneira que Freud não hesitaria em considerá-las como perversas. (PIRES,2011)

Provavelmente a citação faça alusão à perversão infantil que por falta das castrações estruturantes revela a criança humana ávida de prazer, como o único destino possível de sua tenra existência ainda não estruturada pelas castrações constituintes da neurose. Certamente, Pires se refere à montagem como uma construção de amálgama infantil, primariamente perverso que possibilitariam os sujeitos da montagem, seja qual for sua estruturação provarem, por assim dizer, experiências perversas; mesmo as montadas. Isso, com o objetivo de descrever um percurso novo para sua neurose, que considera normativa, isto é, uma ex-sistência no padrão da normalidade, sem a possibilidade do encontro com algum novo que seja.

Na neurose obsessiva e na histeria existe a presença de perversões reprimidas na forma de sintomas, Freud se refere a isso dizendo que a neurose é o negativo da perversão, também menciona que a perversão é uma predisposição inata ao humano, reprimida no processo civilizatório.

Os sintomas nunca se originam à custa do instinto sexual denominado normal, mas representam a exteriorização daqueles que se considerariam como perversos no sentido da palavra, se se exteriorizasse direta e conscientemente em propósitos fantasiados ou em atos. Os sintomas originam-se, portanto, em parte, à custa da sexualidade anormal. A neurose é, por assim dizer, o negativo da perversão. [...] O instinto sexual dos psiconeuróticos mostra todas as aberrações que estudamos como desvios da vida sexual e manifestações da vida sexual patológica. (FREUD,1953. L5, p.307)

Os neuróticos sempre perseguem arranjos que possam harmonizar os significantes belo e sublime em suas relações de objeto, se tornam errantes nessa busca, a ponto de forçar uma polissímia para o sentido de sacrifício, procurando atribuir-lhe um sentido assemelhado com obediência, ética, decência, todos em busca de justificar sua gratificação, e possibilitar seu desejo de aceder ao pai.

Esta postura de sublimação permite aos neuróticos encenar as mais elaboradas *armas* contra seus desejos exigidos pela libido, seu amor incondicional ao pai o faz reavivar os contornos da Lei, exatamente na forma da lei e da cultura que lhes foram legadas. Assim, ele se perde na feitura de seus sintomas, em busca do supremo bem conformado entre o Eros do nascimento, e o supremo mal reconhecido no Tanatos da morte, por isso desliza nessa ilusão toda sua existência.

O neurótico obsessivo, ao reconhecer a castração, luta contra suas perversões inconscientes para evitar mais culpa. No entanto, está sempre impulsionado a vivenciá-las sem o ônus cobrado pela culpa estrutural, e possivelmente, subverta isso, vivenciando essas pulsões através de uma parceria com o perverso. Sob essa mesma lógica, o sujeito histérico em busca da possibilidade de ser amada pelo pai, e se tornar mãe, vislumbra diluir sua repressão através do gozo transgressor do perverso, e pode procurar se associar à liberdade que supõe está neste parceiro.

Segundo Calligares/Aulagnier, a montagem perversa ocorre entre dois sujeitos: neurótico mais neurótico ou neurótico mais perverso, juntos

no mesmo fantasma, numa tentativa de chegar a uma modalidade de gozo. (PIRES, 2011)

Esses arranjos são difundidos na atualidade através de diversos semblantes, como na linguagem publicitária, são oferecidas possibilidades de realizações inimagináveis que apregoam vantagens e prêmios para os quais o ônus não é considerado, subliminarmente, isto quer dizer que o quantitativo de culpa não está implicado. Essa parece ser a lógica da montagem perversa de neuróticos obsessivos e histéricos que se associam a perversos para vivenciarem perversões à custa de quem já cabe o ônus da transgressão, do perverso.

Essas construções traduzem com perfeição uma montagem perversa, mas, no entanto não convertem a perversão estrutural em montagem. Ao que parece os sujeitos desses arranjos pela própria atitude associativa separam montagem e estrutura, pois para o perverso estrutural o véu é a transgressão forjada na recusa da castração, e nos neuróticos o véu está na castração que lhes garante defesa. *Sobre o véu pinta-se a ausência [...] É nisso mesmo que o homem encarna, idolatra seu sentimento deste nada que está para além do objeto do amor. (LACAN.1995. L4. p.158)*

Dessa forma, o que mais fica aparente é que os sujeitos figurados nessas montagens na verdade se jogam em mais uma defesa, buscando desesperadamente mais uma forma de amor que possa em alguma medida fortalecer a rígida lei paterna, é como se o que pretendessem de fato fosse permissão para aumentar seu grau de regressão representada em mais uma vitimização, que na sua lógica demanda maior grau de proteção.

Para o neurótico é o pai que sabe ordenar seu comportamento de forma a não comportar qualquer prazer maior que a autoridade paterna, esta é a forma de assegurar para si o *rochedo da castração*, ou, sua demanda infantil de amor e reconhecimento.

No caso da histeria, atravessar o recalçamento seria o mesmo que correr o risco de encontrar o amor, o problema é que encontrar o amor igualaria esse sujeito histórico ao pai, que é aquele que conhece o amor, e isso provocaria neste sujeito a perda do encanto e da sedução próprios da infância, do que ele não pode se descolar.

De fato, se aproximar da Perversão do perverso faz com que o sujeito neurótico se sinta mais vitimado, e com isso tenha sua culpa aumentada, representando mais prazer.

Há em qualquer ato perverso algo parecido com o estupro, no sentido de que é importante que o outro seja arrastado contra a sua vontade numa experiência que se inscreve em falso com relação a todo um contexto (PIRES, 2011)

Além dos aspectos da perversão a partir do sexual, não se deve deixar à margem seu registro social. Na pós-modernidade é nítida uma espécie de reedição do poder

como o grande fetiche nas mesmas dimensões de tempos anteriores, ou imediatamente posteriores ao Iluminismo.

Mesmo que pareçam estranhas as proporções enunciadas, hoje, da mesma forma que ocorreu em todos os impérios do passado, o poder continua a pertencer a poucos que subjulgam muitos, a fórmula é a mesma, os elementos é que são re-vestidos.

Assim, alguns *poucos* possuidores do poder, enredam *muitos* através de versões perversas derivadas [comerciais] de suas perversões estruturais, e criam ambiente ávido do desejo de transgredir. Uma atuação desse porte cria verdadeiras indústrias, que derramam à enxurradas Perversão travestida de atitude, artefato ou crença na sociedade, ao ponto extremo de fazer disso um emblema, uma caracterização do espírito de época.

Esta Perversão em seus semblantes libertos é distribuída em todo o mundo através de montagens sofisticadamente modeladas às leis e às culturas as quais são destinadas. Como dito anteriormente, qualquer semelhança com o império romano ou o império nazista, não é mera coincidência, é incidência clara de Perversão estrutural que opera uma montagem perversa, e coloca fetiches entre sujeitos e suas fantasias originais.

A ambiguidade da relação com o fetiche é constante, e incessantemente manifestada nos sintomas. Essa ambiguidade, que se verifica como vivida, ilusão sustentada e valorizada como tal, é ao mesmo tempo vivida num equilíbrio frágil que está a cada instante à mercê do fechar da cortina, ou de seu descerrar. É dessa relação que se trata, na relação do fetichista com seu objeto. [...] A estrutura aqui está ela na relação entre o mais-além e o véu. Sobre o véu pode se estampar, isto é, instaurar como captura imaginária e lugar de desejo, a relação a um mais-além, que é fundamental em toda instauração da relação simbólica. [...] Em outras palavras, na função do véu, trata-se da projeção da posição intermediária do objeto. (LACAN.1995)

Da Conclusão sobre Montagem ou Estrutura:

Pretender concluir qualquer vista sobre Perversão é o mesmo que dá uma diretividade à análise exilando seus fundamentos. A angústia afastada pelo fetiche é de tal ordem valorosa que leva o sujeito a vivenciar sua psique própria, estruturada preciosamente para livrá-lo ao mesmo tempo do não-senso e do senso, permitindo-o vislumbrar a possibilidade do encontro com o fim da falta inaceitável.

Como se pode observar, a estrutura perversa é um amálgama tal e qual a neurótica e a psicótica, que permite o sujeito expressar-se contra a castração imposta ao nascimento, o evento psíquico que retira o sujeito humano da exclusividade do registro do real, instância da ordem do insuportável para todas as pessoas, mesmo porque independe de estruturação, é precisamente a pureza de ser de todos.

A recusa inabalável do perverso, que viu as duas faces humanas, persiste, ele se mantém no discurso do mestre, criando seus próprios prazeres, defendendo-se à revelia da Lei, praticamente construindo um *rochedo novo*, pós-castração, que nem em sonho histericiza, alucina, delira, ou suspende (autismo), mas atua precisamente.

3.3 SADOMASOQUISMO

3.3.1 Sadomasoquismo: Patologia, Opção sexual, ou Sublimação-Radical ?

A teoria psicanalítica diante do sadomasoquismo é colocada sob um arco complexo de possibilidades de análises, porque este conceito é objeto de grandes discussões quanto à sua natureza, muitos autores discutem-na profusamente. Existem classificações teóricas que no nível clínico esbarram em grandes dificuldades, principalmente pelo fato de não ser comum, em consultórios, sadomasoquistas em busca de alívio.

Pessoas que se identificam através dessas práticas, por estranhas que pareçam, encontram-se tácitas quanto às suas atuações, e vêm nisso resolução possível para suas angústias.

Não é raro formação de compromisso que não envolva exatamente o prazer advindo das relações sexuais, muitas relações se processam afastadas da representação do coito, mesmo o anal ou de outra representação, estas formas são substituídas por qualificadores como o exibicionismo, voyeurismo, ou o autoerotismo, como é caso da escarificação.

Muitos autores discutem a classificação do sadomasoquismo quanto aos qualificadores de patologia psiquiátrica, desvio de conduta, opção sexual, alguns (WELLDON,2002) se perguntam mesmo se o sadomasoquismo seria uma Perversão.

O masoquista é um reevolucionário da auto-submissão. A pele de carneiro que ele usa esconde seu lobo. Sua rendição implica desafio; sua submissão, oposição. Sob sua suavidade encontra-se dureza; sob sua subserviência oculta-se a rebeldia. (REIK,apud WELLDON,2002,p.30)

O consenso para essas discussões ainda não está sedimentado, portanto, se lida com muitos classificatórios para as atuações do sadomasoquismo. Na atualidade a mais discutida é a identificada como opção sexual, como é o caso do andrógeno, que recusa a identificação através de seu gênero natural e assume uma dessexualização radical.

Os sadomasoquistas, em suas relações de consensos, desligam-se do princípio da realidade representado no prazer sexual pelo orgasmo como objetivo fim da pulsão, para transcender o prazer além do possível, muitas vezes classificando-o de divino.

Parece que o que vigora nestas atuações é o processo da representação, *Vorstellung* (HANNZ,1996), que tenta transferir para o discurso o caos enfrentado pelo bebê diante do abandono parental.

Esses sujeitos parecem movidos pela recriação da experiência de acolhimento ao nascer, ou de um impacto sofrido na infância, através de vivências incognoscíveis para

ele naquele momento. Portanto, sua opção é construir uma fantasia que funcione racionalmente, como uma lembrança encobridora extensa, capaz de mantê-lo na repetição de seu desejo de não ter vivenciado tanto.

A construção dessa fantasia funcionaria como a elaboração de um ideal de eu liberto não das castrações constituintes, mas da ausência dessas castrações. É como se esse sujeito impusesse a si mesmo todos os operadores da constituição do sujeito: as funções materna e paterna, a travessia do Édipo, a instauração do superego, e passasse a re-representá-las.

É da construção do fantasma que trata a saga do sadomasoquismo nessas relações despatologizadas que vigoram na atualidade, em fim de conta, é da mesma fantasia de poder construída estruturalmente por todos. A diferença é que a fantasia perversa está alienada das leis constituintes totalmente, é uma versão possível, considerando-se os aspectos sócio-políticos dos quais são egressos seus atores.

Nesse ponto, não seria muito enxergar essa fantasia como a versão mais acessível da causa do desejo humano. Desejo de viver, ser amado, reconhecido, pleno, eterno para poder cessar a falta entre o ser e o não-ser, ou seja, o desejo de poder integralizar, conscientemente, o ciclo de vida e morte, e dessa forma encontrar o ponto de deleite de não mais ser objeto da psique, mas senhor, onde vida e morte sejam apenas estádios de desenvolvimento, passíveis de apropriação.

No caso do perverso a causa de desejo é duplamente cindida, primeiro pelo designo original do próprio nascimento, depois pelo abandono materno que o vitima pela insegurança do recalque manipulado. É disto que se constitui a fantasia que de fato é a formação de compromisso entre o sádico e o masoquista, que serve para recobrir o não senso do abandono representado pela versão de um recalque flácido, que precisa de contenções.

No fundo, nosso ódio mais intenso, é dirigido contra o ódio existente dentro de nós. O sentimento de culpa é um incentivo fundamental para a criatividade e o trabalho em geral (mesmo os mais simples) . (SINGH, 2000, p.43)

As fantasias do sádico e do masoquista têm a mesma origem, e se complementam porque um ama o que prevalece no outro, dessa forma a narrativa relacional discorre justamente no cumprimento da fidelidade que cada um exerce em causa própria, e que é mobilizada pela resistência de ambos, como honra.

A fantasia por si, e em todas as estruturas, é um recurso de possibilidade de recobrimento do trauma, na Perversão, especialmente nas versões do sadomasoquismo se torna exponencial, pois assume o status de complementar, quiçá sendo uma representação da completude, uma vivência simbiótica.

De toda forma, fantasia não tem um conceito simples, e para dizer algo sobre isso, grosso modo, diria que a fantasia é o elemento da psique que pode ser delineado

como se fosse um autorretrato pintado em metáforas, como tentam fazer os perversos, neuróticos, psicóticos e autistas vivenciando suas fantasias a céu aberto.

Essa dialética confirma que no conceito de fantasia não se encontra algo completo, resta sempre um vazio a ser completado, algo como borda, algo que recobre uma falta, um não ser, um dessenso, algo que pretendesse representar, *Vorstellung* o objeto *a*, que na verdade existe entre o Real-Simbólico-Imaginário como sintoma, perdido para sempre no seu desejo de barrar o destino humano, que é a morte.

Mesmo com este contorno de alto grau de sofisticação, os rituais sadomasoquistas se mostram como uma solução precária para uma dor psíquica insuportável que pode proporcionar imenso prazer aos participantes, mas à custa de uma intimidade sem fronteiras, de muito risco de causar dano, inclusive irreparável, a seus atores.

A sensação de liberdade alardeada é desmentida pela suprema necessidade de controle e pela fixidez da narrativa sadomasoquista, repetida incessantemente nos contornos da versão transferida do abandono.

As opções que o sadomasoquismo vem declarando, seja no registro das perversões nas quais se enlaçam, incluindo aí o crime, seja no registro da opção sexual, ou até mesmo, no investimento na clínica, todas não descrevem perspectivas fluídicas, parece que a solução é exigida de uma ordem estrutural.

Dessa forma, o protagonismo é das mães, estas são as que devem ser assistidas para que possam exercer sua função primordial, suficiente, para que seus bebês tenham a oportunidade de escapar dos ciclos de violência que constituem essa sublimação radical, que é assumida da ausência de acolhimento do infantil e fortalecida pelo sigilo e pelo medo da humilhação pública (WELLDON,2002), decorrentes da ação de perversos silenciosos, e de tantas dores e horrores silenciados.

3.3.2 Sadomasoquismo na Sociedade Contemporânea:

Uma erótica própria para a Lei e para a Ética.

Na atualidade, o sadomasoquismo tem feito movimentos significativos que representam um desejo que ainda não é muito claro quanto ao modo pelo qual procura satisfação. Ainda não se pode observar claramente o que desejam essas reivindicações.

Desejam poder ser recobertos com a pele das vitrines de alcovas de clubes especializados, institucionalizando-os, como o carnaval, o futebol, as escolas de lutas, ou mesmo seitas? O que esses movimentos reivindicam é estabelecer o sadomasoquismo como uma opção sexual, com direito político de constituir um organismo, que precisa de continente próprio, legal, exatamente como os clubes recreativos, ou outros diversos grupos que integram a sociedade?

Parece cedo para poder responder esses questionamentos, no entanto, certamente não o é para se observar que o desejo em jogo nas ações desse contingente, representa uma tentativa de humanização de ideais como a lei e a ética que possa integralizar esses atores no princípio de realidade, comum como tantas outras iniciativas que se estabelecem e se integram, legal e eticamente, nas sociedades humanas.

Esses sujeitos estão mostrando a construção de uma erótica, que, por definição, é um princípio de atração nas relações de objeto. Nesse ponto, esses movimentos se tornam ainda menos claros, pois descrevem uma via dupla nas relações objetais entre o sadomasoquismo e a própria sociedade. Segundo Abel-Hirsch (2005), Eros prediz a vigência de uma força que liga os elementos da existência humana – fisicamente, pelo sexo; emocionalmente, pelo amor; e mentalmente, pela imaginação.

Os movimentos sadomasoquistas da atualidade se mostram como representação do desejo de licenciamento, visando acomodação no tecido social para sua diferença, ou representa o desejo de integração ao princípio de realidade, à cultura – que inclui em seus princípios todas as manifestações da psique transferidas do inconsciente para o consciente?

Ao que parece, o que está em jogo é uma nova ética que possa representar o sadomasoquismo no largo espaço social da pós-modernidade que vem acomodando uma enorme proximidade entre indivíduos replicados em muitos coletivos políticos que querem transformar em prática seus ideais. Há um propósito visível de transliterar utopias e poder propor uma erótica para Ética que deslize numa erotização da Lei.

Nessa direção, a hipótese mais aparente do desejo desse contingente é o anseio de imprimir uma erótica nos ideais da lei e da ética, e por mais sinuoso que pareça ser tal caminho, está amparado nas propriedades da estrutura perversa. Essas pessoas ao se depararem com a construção dos determinantes que corporificaram os ideais vigentes,

mesmo reconhecendo a historicidade, desejam que neles sejam ascendidos qualificadores perversos que possam oferecer a esses sujeitos, mais liberdade, e mais ausência de censura.

Tal fantasia surgida nos primórdios da idade infantil, como estímulo de impressões casuais e conservadas para a satisfação auto-erótica, havia de ser considerada, pela análise, como um signo primário de perversão. (FREUD,1953,L-6, p.134).

Sobre as fantasias referidas à gênese das perversões, em *Surraram Uma Criança* (1910) Freud afirmou que suas indagações eram sempre respondidas através de evasivas e escamoteações pelos pacientes, de tal forma que o levaram a concluir que, naquele ponto, não podia afirmar se o prazer em jogo naquelas fantasias era de caráter sádico ou masoquista.

Esse parece ser o mesmo jogo perverso sob o qual o sadomasoquismo de hoje se movimenta, e dessa forma, anuncia o desejo de submergir ao construto dos ideais coletivos representados na lei e na ética, da mesma forma como são submergidos todos aqueles aos quais esses construtos representam.

A dialética freudiana das fantasias infantis de crianças que surram e são surradas, levanta uma questão importante que se refere às fantasias que narram relações objetais de caráter violento. No entanto trata-se de fantasia, conceito de causa de gozo, e isso funda a possibilidade de gozo através da violência, ou, dizendo de outra forma, de um sadomasoquismo pazeroso, circunstância que relaciona sexualidade a violência.

Aquilo que persiste no inconsciente como resultado psíquico dos impulsos eróticos incestuosos, não é colhido pela consciência da nova fase, e o que já se havia tornado consciente é expulso novamente da consciência da nova fase, e o que já se havia tornado consciente é expulso novamente da consciência. Simultaneamente a este processo de recalçamento, surge uma consciência de culpa, também de origem desconhecida, mas relacionada indubitavelmente àqueles desejos incestuosos e justificada pela persistência dos mesmos no inconsciente. (FREUD.1953.V.6. p.141).

De forma geral, a sociedade repudia a dinâmica do prazer advindo da violência, ela se afirma através da dinâmica que relaciona o erotismo a experiências positivas, nas quais o desejo e o consenso entre os parceiros é ponto primordial para que o processo seja vivenciado. Por outro lado, essa mesma sociedade é atravessada por relações de alto teor de violência, como as que se verifica na política, na delinquência, no trânsito, nas relações entre os gêneros, entre classes, e também nas relações familiares.

O mesmo teor de violência aparece com nitidez nos registros do social, seja na psiquiatria, que hoje, muitas vezes alimenta sintomas e sofrimento psíquico, seja na forma das ações de agentes sociais, como a corrupção generalizada, o abuso de poder, a gritante desigualdade social, a pobreza extrema de uma boa parte da população, e por

fim, a fome cotidiana de cidadãos que habitam um mundo dito de maioria democrática.

Sob esse ponto de vista, parece que o que está em questão é a essência do sadomasoquismo erótico. Então do que se trata, depois da instituição do consenso e da licença conquistados? Seriam essas conquistas apenas palcos que dissimulam a violência exercida por aqueles que empresarialmente se utilizam do sofrimento psíquico desses perversos, visando lucro e vulgarizando sintomas ao engendrar uma coletivização através de empreendimentos que organizam tribos, minorias, ou qualquer outra nomenclatura que pretendam estabelecer?

O recalque estaria sendo manipulado, e as estruturas psíquicas objetos de uma corrupção psíquica, advinda de perversos que se utilizam do poder para gozar com a patologia do outro? Não há como responder essas questões de pronto, é preciso cautela para se emitir qualquer juízo de valor, são experiências novas, e ainda não são amparadas por uma metapsicologia, ao menos, uma sistematizada, neste momento.

Historicamente, o percurso do marquês de Sade é um exemplo. Ele pagou com sentença de prisão, a publicação de suas narrativas de temática perversa que versam da libertinagem à perversidade em crimes, e cuja verossimilhança se mostra tão aguda, que revoltou toda a sociedade da época. Segundo o próprio marquês, suas condenações foram injustas, pois, foi exatamente àquela sociedade, sua inspiração. Segundo Lacan, Sade não era exatamente o perverso que são seus personagens, mas através da literatura narra sua impressão política da moralidade hipócrita da época. Inclusive, Sade afirma ter sido este o motivo verdadeiro de suas prisões. (LACAN,1998)

Ainda, segundo Lacan, Sade não era um sádico exponencial, mas um libertino que resolveu vivenciar sua fantasia perversa através do seu dom, isto fica claro pelo prestígio que sua obra alcançou, e se foi uma fantasia, não pode receber o qualificador de perversão, que sabidamente discursa através de atuações, não através de fantasia. Provavelmente a criatividade exponencial de Sade tenha sido aguçada nas circunstâncias do cárcere, e isto, mais o grande talento para a literatura, redeu-lhe o título de sinônimo de sadismo. (LACAN,1998)

Lacan afirma que a filosofia de Kant completa a literatura de Sade, e referindo-se à *Crítica da Razão Prática*, menciona que apesar de ter sido escrita anteriormente, na verdade serve de crítica à *Filosofia da Alcova*, pois, Kant declara que tudo que é da ordem da paixão é patológico, que apenas a prática que enuncia a eficácia do bem, é sã. Isto é o mesmo que dizer que o sujeito não deve ficar bem no mal, pois isso retiraria sua vontade. (LACAN,1998)

Retomando os movimentos do sadomasoquismo, o importante para ser ressaltado é o perfil que se mostra velado atrás de muitas representações ainda pouco analisadas, que ainda se apresentam como caóticas para sociedade. De um lado é inegável um contingente que exige lugar e aprovação para suas práticas, de outro, uma

sociedade um tanto quanto perplexa em sua resistência de acolher estranhos tão estranhos.

O fato é que a sociedade ainda desconhece qual a repetição incluída nesses comportamentos, não sabe ainda ao que resiste exatamente, se ao desvelamento do horror da exposição de conteúdos humanos exercitados às escuras, ou a corrupção natural do poder em contato com qualquer fragilização de seus subordinados.

Outro fato é que os movimentos de hoje do sadomasoquismo se organizam de forma incisiva, com o propósito de apenas desejar se integrar à sociedade, que por princípios bem clarificados, hoje, pertence ao humano livre. Sobre esta vista da realidade, pode ser que estejam apenas querendo corroborar com a possibilidade de haver uma erótica da ética. Como preconiza Lacan, o sujeito pode desejar, mesmo diante do poder, mesmo sob o risco iminente de perder a própria vida. (LACAN,1998)

Embora não se tenha estatísticas para citar, o noticiário dá conta de que surgem muitos acidentes das relações do mundo do sadomasoquismo, notadamente naquelas estabelecidas com contratos de consenso. As notícias mostram como resultados desses acidentes, sofrimentos físicos significativos, a ponto de necessitarem de intervenção médica de emergência, e outros, que chegam à morte.

Nada tem definição na abordagem do sadomasoquismo contemporâneo, nada se sabe a respeito da narrativa pessoal desses sujeitos, somente se poderia construir qualquer avaliação se fosse possível saber se há coincidência entre essas atuações e todos os aspectos da vida dessas pessoas. Se se trata de fantasmas próprios se relacionando da mesma forma em todas as suas instâncias relacionais, ou se essas práticas são restritas apenas à sua prática sexual, neste último caso, por si já permitiria um juízo de atribuição quanto à Perversão.

Pouco se pode dizer sobre os movimentos do sadomasoquismo desse tempo presente, a partir disso, se arisca a dizer que existe uma épica, uma erótica, com lei e ética próprias, nessas manifestações do psiquismo humano, e por isso, se enfrenta a questão de como analisar tal comportamento, de entender do que se trata exatamente, se de atuação, ou de performances; estas, expressadas mais exatamente por encenações obsessivas de sujeitos perversizados pela lógica capitalista imposta ao mundo inteiro, que faz com que esses sujeitos partam da forma que podem, em busca de uma lei que possa dá uma fantasia estável a seus fantasmas aflitos.

Fato ainda é que fica a questão maior, que é saber que abrigo pode a sociedade oferecer ao dá voz e lugar a esse e a tantos outros contingentes segregados em suas fragilidades, senão ouvir seu sofrimento psíquico versado no abandono da Lei e da Ética, pois isso é que escreve a épica desse sujeito perversizado, na maioria das vezes, por perversos distantes, insuspeitos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Uma marca perversa se evidencia na sociedade atual de todas as partes do mundo, faz flutuar um teor de perversidade que permeia tanto as relações interpessoais quanto as institucionais. O aspecto mais aparente é chamado violência urbana, que hoje condensa atuações que nublam o cotidiano de todos e expõem o caráter impositivo de instituições públicas ou privadas que governam através de leis particularmente próprias.

Campanhas empresariais comercializam *alvos* e *objetos* de satisfação da libido através de contratos regulamentados. Exemplo disto são os clubes destinados exclusivamente às práticas perversas, que oferecem rituais de troca de casais e de sadomasoquismo, promovem atividades que envolvem escarificação, e mais inúmeras formas de fetiches, terror, de muitos outros formatos de práticas perversas de prazer.

Neste mesmo sentido, a chamada indústria pornográfica é outra vertente expressiva que domina de forma plural no seguimento de imagens: cinema, vídeo, fotografia, quadrinhos, revistas impressas, que têm distribuição regulamentada e globalizada através de grandes redes empresariais.

Encenações perversas das relações de objeto são distribuídas legalmente por essas empresas que exploram temáticas de alto teor de perversão e perversidade. Temática como o tráfico em suas mais diversas versões [humano, inclusive de órgãos, drogas, armas ou animais], tortura, pedofilia, zoofilia, cropofilia, necrofilia, parcialismos, são comercializadas como entretenimento. Esses empreendimentos são objeto de vultosos investimentos sustentados pela concorrência acirrada que é exigida pela lógica do mercado.

Este horizonte coloca em cheque a própria Perversão, é como se mostrasse uma espécie de perversão-pervertida, movida por libido controlada e replicada no coletivo em forma de atuações forjadas, portanto, alteradas em sua originalidade.

A Perversão parece está escamoteada em atuações que se integram à norma, travestida de ideais éticos, como os conceitos de liberdade de expressão, inclusão social ou igualdade, e essa máscara pode perfeitamente camuflar o imperialismo perverso de sempre, que vige desde os tempos mais remotos dos grandes impérios.

A História apresenta inúmeras narrativas perversas travestidas de muitos semblantes normais. Nos dias de hoje, o universo da moda é um bom exemplo, vende liberdade, igualdade e completude, mas é só uma fábrica de ilusão que serve significativamente ao discurso capitalista. Essa afirmativa corrobora as palavras de Lacan, citadas em *Moda Divina Decadência*, O discurso mais astuto [...], destinado a arrebatá-lo. Porque é insustentável [...] ele não poderia correr melhor, mas é justamente

que isso caminha assim velozmente para sua consumação, isso se consome, isto se consome, até a consunção. (DIAS,1997,p.149).

A presença da Perversão no contexto social chama a atenção, e permite atribuir-lhe um caráter massivo, principalmente, ao se analisar o comportamento de seus elementos de base: o nível de interesse da população pelo tema, salubridade financeira das empresas especializadas no ramo, e as atuações [pseudoatuações] em si, que praticamente se generalizam.

Haja vistas essa tendência que instiga o comportamento de publicização do privado como uma espécie de moda, hoje veiculado através de atividades em grupos que querem sugerir *garantia* de ausência de solidão, mas que de fato, organiza guetos, que são chamados de nichos comerciais.

Este ponto inscreve uma questão importante que é a investigação dessa fenomenologia. Uma resposta possível é a de que Perversão além de ser uma estruturação psíquica, é uma natureza do humano, e isso, propicia eco.

Isso é bem explicitado em "A parte obscura de nós mesmos: uma história de perversos." "[...] os perversos são uma parte de nós mesmos, uma parte de nossa humanidade, pois exibem o que não cessamos de dissimular: nossa própria negatividade, a parte obscura de nós mesmos". (ROUDNESCO,2008)

A lógica dominante da atualidade é a lógica do consumo, suas demandas dizem de relações onde o outro não conta, e extrapolam toda questão ética. Disto, restam apenas relações marcadas pelo narcisista e sua necessidade de controle sobre o objeto. É constituinte, se aloja extensivamente desde o movimento macro-político até o aspecto molecular das relações contemporâneas.

É uma saga que mantêm o sujeito comum massificado, enredado na subserviência, sem a oportunidade de constituir um ideal de eu que o mantenha no princípio de realidade, para que possa suportar a vida e postergue a morte. São circunstâncias que admiravelmente falam de um *mal estar* e de um *insuportável*, preconizados na psicanálise há tempos, na obra de Freud e de Lacan.

O prazer para o perverso e pseudoperversos de hoje é mais uma questão de preço do que de exigência pulsional, adéqua-se tanto de um lado quanto do outro. De forma complexa as instituições da pós-modernidade se caracterizam por um caráter onipotente que sustenta o discurso do mundo capitalista.

O discurso do capitalista, segundo Lacan, é derivado do discurso do mestre [...] isso quer dizer que há uma recusa da verdade do discurso, ao se inverter o vetor que conecta a verdade com o lugar do semblante. O sujeito então, no discurso capitalista colocado como agente opera sobre o significante mestre colocado no lugar da verdade. Ai está a recusa da castração, o que constitui o discurso capitalista (DIAS,1997,p.148).

O capitalismo elicia uma lógica que se assemelha àquela da simbiose materna que matem o narcisismo primário amparado, como que por imitação, mas de fato através do exercício de muitos, as empresas pretendem manter o cliente satisfeito em suas exigências de consumo, alimentando-o incessantemente, até ao ponto de elas, representadas por produtos, se tornarem a razão de ele está vivo.

São empreendimentos que estabelecem uma constitucionalidade estranha, selvagem, perversa mesmo, operacionalizada apenas no registro do interesse comercial, portanto unilateral, não há lugar para a Ética e para Lei, isto é, não há lugar para humanidades civilizadas.

Esse ponto de vista permite afirmar que pessoas são vistas como cobaias desta neo-institucionalidade, e que esta nova forma de instituto estabelece um sistema de captação de cobaias sociais, que protagonizam os experimentos empresariais que balizarão os resultados pretendidos no planejamento mercadológico, constituído apenas para alcançar engrandecimento futuro.

Estas pessoas-cobaias, inconscientes desse tipo de relação, julgam-se incluídas na norma social, e intelectualmente se sentem plenamente reconhecidas, acolhidas, felizes inclusive; embora emocionalmente sintam um abandono latente, manifestado apenas pelo estado de dependência do qual se tornam vítimas, escravas, melhor dizendo.

Diante de tais circunstâncias, o que se pode avaliar é que somente a identificação pode justificar adesão de tantos sujeitos a chamados como esses, possessivos, muitas vezes cruéis e cabalmente afastados da Ética, no entanto, esta é a formação de compromisso proposta neste neo-institucional.

É impressionante como essas instituições transformam seus centros de negócios em verdadeiros templos, estabelecendo similaridade com igrejas, mesquitas, lojas, terreiros, enfim, com os espaços para devoção e fé, sagrados em fim de conta. Também espanta a forma como conseguem enlaçar as pessoas, recobrando-lhes o porvir de prazer manufaturado, vendido como vínculo, representados principalmente pelas marcas estabelecidas comercialmente, que hoje têm simbologia de casta.

Todo esse lastro talvez ancore a virulência com a qual a Perversão se inscreve na atualidade, o modo mais nítido dessa operacionalidade seria reafirmar a lei clássica do retorno do recalçado, que na obra de Lacan afirma que “o que não é simbolizado no Real, volta ao sujeito como sintoma.”

Dentro dessa equação é que a sociedade se depara com uma espécie de generalização de ações perversas facilitadas justamente pela identificação entre sujeitos massificados e instituições perversas. Os idealizadores dessas corporações são perversos constituídos que fazem fluir uma transferência entre a natureza perversa de todas as pessoas e o discurso do mestre que cria a verdade.

A partir disso, essas instituições empreendem o artifício de uma função materna empresarial *eficiente* que opera recalcamientos planejados e constituem ideais de eus [consumidores] que atendem a necessidade mercadológica, como se esta fosse a metáfora paterna. Dessa forma, montam uma sociedade primária cheia de narcisos, fundada nas potencialidades dos princípios perversos naturais de todos, algo que talvez se ajuste propriamente a ideia de montagem perversa.

Concluindo, não é muito afirmar que hoje, início do Século XXI, ecos do Iluminismo trouxeram conquistas sociais importantes como os preceitos relativos aos conceitos de direitos humanos – eleições livres, igualdade entre etnias, distribuição de renda, direito ao trabalho e ao conhecimento, que foram disseminados na maioria das sociedades do mundo e garantiram para a chamada pós-modernidade patrimônio social nunca experimentado historicamente.

Essa aquisição estabeleceu estado de direito que permite ao sujeito da atualidade experiências sociológicas fluídicas, que tecnicamente deveriam diminuir o quantitativo de angústia das pessoas, deveria de fato castrar a natureza perversa do humano. No entanto, também este sujeito humano dessa atualidade atualíssima, está inexoravelmente assujeitado ao *retorno do recalcado*, ou, dito de outra forma, assujeitado à humanidade de todos, que é o que em nenhuma circunstância pára de se inscrever.

Esse estado novo parece aflorar o infantil humano historicamente recalcado pelos severos códigos de conduta impostos imperialmente. Esse infantilismo retornado, hoje, governado pela libido, abre irreversivelmente caminho para satisfação de suas pulsões, e a forma perversa parece ser a via mais *adequada* para isso, portanto, esse festim de prazeres possíveis.

Na pós-modernidade, o sujeito perverso está desfigurado, suas atuações estão diluídas no coletivo, e dessa forma, chega a colocar em cheque a presença da própria Perversão. No entanto, se avista essa presença através de véus sofisticados que transparecem sujeitos perversos que institucionalizam a Perversão.

Dessa forma, é possível afirmar que a Perversão que se enuncia no social pós-moderno é acrescida de um quantum de perversidade, porque cria uma forma de perversão-pervertida, que, enfim, opera fielmente seu propósito, que não é outro senão o de perverter.

Aqui se figura a repetição do poder, que através dos tempos usurpa o desejo de reconhecimento e amor de todo humano, e organiza essas sociedades que simbolizam a perversão, transferindo-a para o status de totem que desloca o poder em supereu tirânico, que ordena os gozos no inconsciente pretendendo castrar suas formações. Dessa forma, infantiliza o humano, castrando sua civilização e conseqüentemente

capturando seu tesouro, a transmissão da Cultura, da Ética e da Lei, legítimas, que versam utopias.

Esses novos semblantes da Perversão corrobora a luta edípica, e levam as pessoas a enxergar na lógica das instituições um pai capaz de constituir um sujeito reforçado, um supersujeito que possa empreender uma busca eficiente de prazer inesgotável no propósito de diluir a angústia, para isso elabora construtos que querem poder resistir à dor da falta primordial, inconcebível para o perverso.

Nessa direção, as pessoas elegem como melhor defesa a desconstrução de conflitos existenciais. Para tanto e entre tantas outras formas, servem-se do novo, por exemplo, da indústria de fármacos, hoje, produtos praticamente transformados em fetiche. Por conta disso, estas empresas são promovidas faustamente para que possam produzir cada vez mais produtos, para que sejam mais e mais consumidos como mecanismos de defesa. O processo é tão contundente, que não seria demais afirmar que estas instituições pretendem convencer a todos que é possível abolir a depressão do contexto humano.

REFERÊNCIAS

ALLOUCH, Jean. *Letra a Letra transcrever, traduzir, transliterar*. RJ: Companhia de Freud.1995.

AMERICAN PSYCHIATRIC ASSOCIATION – *DSM-IV-TR*. 4ª. Edição. Porto Alegre, RS: Artmed. RS. 2008.

BARROWS, K. *Inveja*. RJ: Relume Dumará. 2005.

CIRINO, Oscar: *Psicanálise e psiquiatria com criança: desenvolvimento ou estrutura*, BELO HORIZONTE, MG. Autêntica. 2001.

DIAS, E. O. *A Teoria do Amadurecimento de D.W.Winnicott*. SP: Imago.2003.

DIAS, M. M. *Moda divina decadência*. PUC.SP. Hacker.1997.

DOLTO, F. *As etapas decisivas da infância*. SP: Martins Fontes. 2007.

DOR, J. *Estruturas e clínica psicanalítica*. RJ: Taurus-Timbre.1991.

_____. *Introdução a leitura de Lacan*. Porto Alegre,RS: Artes Médicas. 1989.

_____. *Estrutura e Perversões*. Porto Alegre, RS: Artes Médicas.1991.

DORGEUILLE, C. *Dicionário de Psicanálise – Freud & Lacan*. Ágalma. Salvador – BA. 1994.

EMANUEL, R. *Angústia*. RJ: Relume Dumará. 2005.

ESCOLA PAULISTA DE PSICANÁLISE. *A Perversão em Freud e Lacan*.

ESCLAPES, A. *Perversão*. Escola Paulista de Psicanálise. 2010.

FERREIRA, A. B. H. *Novo Aurélio Século XXI: O Dicionário da Língua Portuguesa*. 3ª. RJ: Nova Fronteira. 1999.

FREUD, S. (1899) *A recordações encobridoras*. Obras Completas. RJ: Gráfico Monte Scopus Ltda., 1953 v. 1.

_____. (1905) *Uma Teoria Sexual*. Obras Completas. RJ: Gráfico Monte Scopus Ltda., 1953 v. 5.

_____. (1906) *A sexualidade na etiologia das neuroses*. Obras Completas. RJ: Gráfico Monte Scopus Ltda., 1953 v. 4.

_____. (1912) *Totem e Tabu*. Obras Completas. RJ: Gráfico Monte Scopus Ltda. 1953 v. 7.

_____. (1914) *Introdução ao Narcisismo*. Obras Completas. RJ: Gráfico Monte Scopus Ltda., 1953 v. 5.

_____. (1915) *Os instintos e seus destinos*. Obras Completas. RJ: Gráfico Monte Scopus Ltda., 1953 v. 5.

_____. (1916) *A tristeza e a melancolia*. Obras Completas. RJ: Gráfico Monte Scopus Ltda., 1953 v. 5.

_____. (1917) *Conferência XXI : O desenvolvimento da libido e as organizações sexuais*. Obras Completas. RJ: Gráfico Monte Scopus Ltda., 1953 v.10.

_____. (1919) *Surram uma criança*. Obras Completas. RJ: Gráfico Monte Scopus Ltda., 1953 v.7.

_____. (1923) *Organização genital infantil*. Obras Completas. RJ: Gráfico Monte Scopus Ltda., 1953 v. 6.

_____. (1924) *O fim do Complexo de Édipo*. Obras Completas. RJ: Gráfico Monte Scopus Ltda., 1953 v. 7.

_____. (1924) *O problema Econômico do Masoquismo*. Obras Completas. RJ: Gráfico Monte Scopus Ltda., v. 4.

_____. (1927) *Fetichismo*. Obras Completas. RJ: Gráfico Monte Scopus Ltda., v.10.

_____. (1932) *Novas Contribuições a Psicanálise*. RJ: Gráfico Monte Scopus Ltda., v.10.

_____. (1940) *A divisão da Personalidade Psíquica*. Obras Completas. RJ: Gráfico Monte Scopus Ltda., v.10.

HANNS, L. *Dicionário Comentado do Alemão de Freud*. RJ: Imago. 1996.

HIRSCH-ABEL N. *Eros*. RJ: Relume Dumará.2005

HOLMES, J. *Depressão*. RJ: Relume Dumará. 2005 .

_____. *Narcisismo*. RJ: Relume Dumará. 2005.

KAHR, B. *Exibicionismo*. RJ: Relume Dumará. 2005.

KENNEDY, R. *Libido*. RJ: Relume Dumará. 2005.

LACAN, J. O Seminário. Livro1. *Os escritos técnicos de Freud*. RJ: Zahar. 1986.

_____. O Seminário. Livro 4. *A relação de Objeto*. RJ: Zahar.1995.

_____. O Seminário Livro 5. *As formações do inconsciente*. RJ: Zahar.1999.

_____. O Seminário Livro 7. *A ética da Psicanálise*. RJ: Zahar. 1988.

_____. *Escritos*. RJ: Zahar.1998.

MARTINS, A.V.C. *Uma violência silenciosa: Considerações sobre a perversão narcísica*. RJ: Bibliomed,Inc. 2000-2013

MURIBECA, M. *As diferenças que nos constituem e as perversões que nos diferenciam*. Círculo Psicanalítico de MG. 2013

NICOLA, A. *Eros*. RJ: Relume Dumará. 2005.

PAJAZCKOWSKA, C. *Perversão*. RJ: Relume Dumará. 2005.

PIRES.A. L. *Perversão – Estrutura ou Montagem?*.Círculo Brasileiro de Psicanálise. 2011.

ROUDINESCO, E. *A parte obscura de nós mesmos uma história dos perversos*. RJ: Zahar. 2008.

_____. *Dicionário de Psicanálise*. RJ: Zahar. 1998.

ROTH, P. *O Superego*. RJ: Relume Dumará. 2005.

SAROLDI, N. *O Mal-Estar na Civilização: As obrigações do desejo na contemporaneidade*. RJ: Civilização Brasileira. 2011.

SEGAL, J. *Fantasia*. RJ: Relume Dumará. 2005.

SINGH, K. *Culpa*. RJ: Relume Dumará. 2005.

_____. *Sublimação*. RJ: Relume Dumará. 2005.

WELLDON, E. *Sadomasoquismo*. RJ: Relume Dumará. 2005.

WINNICOTT, D. *Da pediatria à Psicanálise*. RJ: Imago. 2000.

YONG, R. *Complexo de Édipo*. RJ: Relume Dumará. 2005.

